

a natureza das teorias da conspiração

michael butter

Tradução de Neuza da Silva Faustino

ÍNDICE

Prefácio de Mafalda Anjos	11
Prefácio da edição portuguesa	15
Introdução ou Qual é o plano?	19
1. “Está tudo planeado” ou O que é uma teoria da conspiração?	29
2. “Nada é o que parece” ou Como argumentam as teorias da conspiração?	59
3. “Está tudo interligado” ou Por que motivo as pessoas acreditam em teorias da conspiração?	95
4. O que aconteceu até agora ou Como se desenvolveram historicamente as teorias da conspiração?	123
5. O que sucede atualmente ou Como modifica a <i>internet</i> teorias da conspiração?	155
Conclusão: O que pode acontecer ou Quando se podem tornar perigosas as teorias da conspiração e o que podemos fazer contra elas?	187
Agradecimentos	199
Notas	201

Para a Irina, o Sebastian e o Fabian

PREFÁCIO

Isto está tudo ligado

Berlim, 22 de setembro de 2017.
Vésperas da eleição federal na Alemanha. Eu estou em reportagem na capital política alemã, no encalce da *AfD*, o partido de extrema-direita que já se adivinhava que conseguiria um resultado histórico naquele sufrágio. Por sorte, encontro uma pequena ação relâmpago com um balcão desmontável e algumas bandeiras numa artéria da cidade. Um dirigente local, alto, forte e careca, pequenos olhos azuis, capta a minha atenção. Expansivo, vai desfiando os seus argumentos antirrefugiados e anti-imigração — “a Alemanha aos alemães”, era a sua primeira abordagem a quem parava para ouvir. Mas, ao fim de 5 minutos de conversa comigo, rapidamente enceta territórios mais pantanosos: uma peroração sobre as “forças escondidas para lá da superfície das coisas”.

Wolfgang Blum, assim se chamava o assessor da candidata local da *AfD*, fala lentamente e pronuncia sílaba a sílaba das palavras que quer enfatizar, sublinhando o fim de certas frases com um tom agudo de entusiasmo nervoso. Apresenta-se como professor de História e Geografia e não dispensa uma oportunidade para falar e, sobretudo,

para se fazer ouvir. Afaga a barba, enquanto me explica tudo o que ia mal no mundo em geral e na Alemanha em particular. “É preciso acabar com esta ideologia globalista e com o imperialismo 3.0 que nos está a esmagar”, enquadra. “Esse senhor Obama, as Nações Unidas e o autodesignado Banco Mundial é que são os grandes culpados disto tudo. Angela Merkel é só uma marioneta nas mãos deles. Ela é uma escrava de um nível supremo”, resume.

Dei-lhe corda durante duas horas, interessa-me conhecer as ramificações de pensamento e os argumentos utilizados por muitos militantes da extrema-direita. Nem de encomenda, desfia-me toda a cartilha e eu assombrada a ouvi-lo. A “grande farsa”, as “forças malévolas organizadas para dominar o mundo”, o risco de “muçulmanização da Europa”, “o Senhor ‘Gutierrez’ [leia-se António Guterres], o imperialista mor”, a União Europeia como uma “EUCreatur”, uma junção das palavras democracia, ditadura e criatura artificial.” Está habituado a que duvidem dele e o olhem de lado. Sente que é visto como “um pária da sociedade”, mas nada o demove: “eles não conseguem ver tudo o que está em causa.”

Voltei a estar com ele e com os seus companheiros de partido na noite eleitoral, um trabalho que deu uma grande reportagem na VISÃO.

Fast forward a novembro de 2022.

Quatro anos depois, vou espreitar Wolfgang Blum ao Facebook. Bingo! Como imaginava, Wolfgang continua alinhado com a *AfD*, mas tem novo enfoque no seu discurso conspiracionista. Os “maus” são os mesmos, as elites, mas agora também apontou armas às farmacêuticas, aos cientistas e aos médicos que apoiam as vacinas. Partilha vídeos do Youtube e *fake news* onde elabora sobre a forma como, com a desculpa da pandemia da Covid-19, os senhores do mundo e os Estados “neoabsolutistas” manipulam os destinos dos povos a seu bel-prazer. Antivacinas, negacionista, crítico dos média, vê nas medidas de contenção planos malévolos para manter as populações mansas e controladas.

Wolfgang preenche na perfeição a *checklist* do que se imagina como protótipo do adepto das teorias da conspiração. Para ele, tal como tão bem Michael Butter explica neste livro, “nada é o que parece”. Tem uma

certa maneira de olhar o mundo e de procurar realidades e explicações “alternativas”, fora do *mainstream*, para tudo o que acontece.

Para quem, como eu, quer perceber melhor os complexos meandros, os interesses em jogo e as cabeças dos teóricos da conspiração, este é um livro muito útil. Foi escrito antes da pandemia da Covid-19, já que a primeira edição foi publicada em 2018, mas tudo o que aqui está, desde as características, pressupostos e mecanismos das teorias da conspiração, aos argumentos em que assentam, passando pela sua instrumentalização, permite fazer a leitura do que aconteceu depois de março de 2020.

Poucos fenómenos, naturais ou criados pelo homem, têm tanto impacto global como uma pandemia perigosa. Um vírus, por definição invisível e microscópico, consegue virar o mundo do avesso.

A pandemia alterou radicalmente o quotidiano das pessoas. Obrigou a declarações de estados de emergência, a restrições de direitos, liberdades e garantias, a medidas de contenção extrema, à criação, em tempo recorde, de novos medicamentos e a operações à escala global de inoculação das populações. Fechou empresas, fez evaporar trabalhos, empurrou as pessoas para dentro das quatro paredes de suas casas.

É, sem qualquer dúvida, o cenário distópico perfeito para alimentar os teóricos da conspiração, mesmo depois do processo de descredibilização que as teorias alternativas sofreram depois da Segunda Guerra Mundial.

É bom de ver que acontecimentos imprevisíveis, transtornantes e difíceis de explicar e entender são terreno fértil para explicações alternativas que imaginam uma superconspiração. Para algumas pessoas, por razões várias que Butter bem explica, é mais fácil acreditar na existência de um *complot* global para dominar o mundo do que em vírus que se transformam numa perigosa pandemia. E é mais fácil acreditar que poderosos malévolos estão todos em conluio nos quatro cantos do globo do que, por exemplo, na segurança de medicamentos testados e fiscalizados pelos milhares de especialistas e médicos que compõem a comunidade científica.

As bolhas das redes sociais, alimentadas pelos algoritmos poderosos que fazem escalar os conteúdos que geram sentimentos negativos, fazem o resto. Ajudam, com as suas poderosas câmaras de eco, a que coisas impronunciáveis em público porque geralmente mal vistas, se tornem não só pronunciáveis como partilháveis. Junta estas pessoas em núcleos que se autoalimentam. Faz com que estes teóricos da conspiração se sintam legitimados, fortalecidos, poderosos. E amplifica estas ideias a escalas onde, de outra forma, nunca chegariam.

Aqui estamos, pois. Num mundo onde os médicos, os cientistas e os jornalistas viraram os alvos da raiva dos teóricos da conspiração (eu, que escrevo profusamente sobre o tema, que o diga), porque personificamos não só o sistema que muitos odeiam como os factos que contestam.

Estamos perante um imenso fenómeno que junta desierarquização do conhecimento, conspirações “de baixo” e “de cima”, a ideia de uma carneirização e instrumentalização das populações, estratégias de *reverse labelling*, um papel especial dos ditos desertores, uma diabolização dos média de referência, um aproveitamento político pelos movimentos e partidos antissistema, mas também uma monetização destes fenómenos por quem neles viu lucrativas oportunidades de negócio e fama. Nesta obra, Michael Butter ajuda, com bases teóricas, estudos científicos e contexto histórico, a enquadrar e compreender tudo isto.

Não conte, no final do livro, sentir-se menos assombrado com as teses e com o facto de haver tanta gente, até à sua volta, que acredita realmente nelas. Mas vai sentir-se, pelo menos, mais acompanhado neste assombro.

Mafalda Anjos
Jornalista e diretora da revista VISÃO

PREFÁCIO DA EDIÇÃO PORTUGUESA

Apraz-me que o meu livro tenha agora uma versão portuguesa porque isso significa que, claramente, surtiu o efeito pretendido. O livro oferece uma introdução sistemática ao tema das teorias da conspiração que tenta ser atemporal, uma vez que possibilita ainda o entendimento de outras teorias deste tipo, mesmo que não sejam aqui referidas. A edição original surgiu em 2018, o que justifica que a crise do coronavírus não esteja mencionada. Na página 192 limito-me a escrever: “Menos espetaculares (a não ser em caso de uma epidemia de sarampo) e, como tal, com menor tendência para serem trazidas à luz do público, são as teorias da conspiração ligadas a certas doenças ou a vacinas.” Tinha-me esquecido completamente desta frase, mas um antigo aluno meu lembrou-me no verão de 2020, quando me escreveu, dizendo que este livro o tinha ajudado a relacionar as numerosas teorias da conspiração, que naquela altura já circulavam na Alemanha, com a atual pandemia.

Na verdade, todos os aspetos que, neste livro, trago à discussão — desde os pressupostos das teorias da conspiração, a sua “fundamentação” e os motivos pelos quais as pessoas acreditam nestas ideias, até ao

papel da *internet* na divulgação das mesmas — podem ser perfeitamente exemplificados pela crise do coronavírus. Simultaneamente, os acontecimentos atuais — escrevo estas linhas em maio de 2021, quando a campanha de vacinação arranca finalmente na Alemanha — convidam ao cuidado, sempre que consideramos que alguém defende uma teoria da conspiração. Nem todos os que têm uma perspectiva crítica quanto à vacinação desconfiam de um *complot*. Isto apenas acontece quando se afirma que o povo é sistematicamente enganado em relação aos objetivos verdadeiros ou aos perigos conhecidos das vacinas. Com pessoas que pensam assim, é difícil conversar. Mais difícil ainda é demovê-las das posições tomadas, como explicarei no final do livro. O caso é diferente quando se trata de pessoas que meramente se perguntam por que razão o desenvolvimento das vacinas se deu de uma forma tão rápida ou que se sentem inseguras com o vaivém de certas vacinas e dos relatórios sobre efeitos secundários. Estas pessoas não são teóricas da conspiração. Por norma, consegue-se falar bem com elas, oportunidade que poderemos deixar escapar ao recorrermos invariavelmente ao termo “teoria da conspiração” como a uma arma de defesa. (Indicações acerca de como lidar com teóricos da conspiração que extrapolam o que é discutido neste livro, podem ser encontradas num guia procedente de uma rede europeia sobre o tema, em <https://conspiracytheories.eu/education/guide-and-recommendations/>, a descarregar gratuitamente, também em português.)

Apraz-me ainda que o livro tenha agora uma versão portuguesa porque tal demonstra a sua relevância mesmo em regiões que nele apenas encontram uma referência à margem. Isto faz-me simultaneamente tomar consciência do quão pouco sabemos acerca da história e divulgação de teorias da conspiração em muitas partes do mundo. Enquanto estas se encontram, entretanto, muito bem investigadas nos EUA, já em relação à Europa o cenário afigura-se diferente. Mesmo havendo um conhecimento crescente acerca do que se passa em alguns países e regiões do globo e tendo surgido, justamente nos últimos anos, cada vez mais estudos científicos, a verdade é que a investigação continua a apresentar-se muito fragmentária, qual tapete de retalhos, neste aspeto. Não

conheço um único estudo sobre teorias da conspiração em Portugal, admitindo que haja alguns, poucos. No respeitante ao Brasil, surgiram nos anos recentes vários estudos que se dedicam maioritariamente — o que não surpreende muito — à relação entre as teorias conspirativas e o populismo. Por outro lado, na generalidade, sabemos muito pouco sobre teorias da conspiração na América do Sul. Menor ainda é o nosso conhecimento acerca da existência de tais teorias na Ásia ou no mundo árabe, mormente no que respeita à evolução histórica das mesmas.

Assim sendo, a minha exposição acerca da história e do estatuto atual das teorias da conspiração, no Capítulo 4, apresenta hipóteses que um dia terão de ser eventualmente revisadas. Estou certo de que as teorias da conspiração se desenvolveram, tanto em Portugal como no Brasil, como ainda nas outras democracias ocidentais, após 1945 e de que passaram por um processo de estigmatização, se transformaram em contranarrativas, para depois voltarem a ganhar em visibilidade e, de certa forma, em popularidade com o surgimento da *internet*. Ainda desconhecemos como decorreu esse processo e os fatores regionais específicos que contribuíram para a propagação de tais teorias. Por isso, espero que este livro venha a motivar um ou outro projeto de investigação, nessa área. Espero também pelo vosso *feedback*, via e-mail ou por carta. Escrevam-me, se houver algo que considerem oportuno eu saber relativamente a teorias da conspiração no espaço linguístico português, ou simplesmente por desejarem dar-me um *feedback*. Uma vez que, até ao ano de 2025, dirijo um projeto ao abrigo do Conselho Europeu de Investigação sobre populismo e teorias da conspiração que se debruça igualmente sobre o Brasil, estarei nos próximos anos a trabalhar em estreita colaboração com pessoas que dominam a língua portuguesa.

Michael Butter

INTRODUÇÃO OU QUAL É O PLANO?

A 31 de agosto de 2015, Angela Merkel disse, em relação aos milhares de refugiados que diariamente chegavam à Alemanha, a sua conhecida frase: “Nós conseguimos”. Justamente nesse dia, a revista *Compact* publicou um texto da antiga *pivot* televisiva do programa de notícias alemão *Tagesschau*, Eva Herman, acerca do mesmo tema. A composição de cerca de dez páginas já tinha surgido uns dias antes sob o título “Caos da Imigração: Qual é o Plano?”, nas páginas do Wissensmanufaktur (instituto alemão de investigação económica e política social), de cujo conselho dos média fazia então parte Herman. A revista *Compact* que, tal como o Wissensmanufaktur, pertence aos média alternativos da direita populista, os quais, nos últimos anos, têm vindo a experimentar um renovado impulso, publicou-o sob o título “Caos da Imigração: um Plano Estranho”. O artigo é, em muitos aspetos, o oposto à declaração de Angela Merkel. Onde a chanceler alemã divulgou otimismo, Herman não viu senão o naufrágio ocidental iminente. “Nós não conseguimos”, grita cada uma das frases da sua composição.¹

Segundo Herman, “a Europa está a ser inundada por africanos e orientais. A nossa força antiga, a nossa cultura cristã, a nossa fé e

tradição vão ser destruídas, enfraquecida a identidade de cada povo e, passo a passo, eliminada.” Enquanto aqui, por um momento, ela tenta dar a imagem de uma catástrofe natural, a metáfora dominante é, no seu todo, outra: para Herman, a crise dos refugiados é uma “campanha contra a Europa” e a Alemanha é, correspondentemente, “um campo de batalha”, uma “zona de guerra [...] que, pouco a pouco, é agora tomada por inúmeras pessoas que procuram asilo”. Os refugiados, que aparentemente são “na sua maioria homens jovens e fortes”, constituem para ela “a substância explosiva” que se tornará “cada vez mais a arma contra o povo local”.

Esta construção de uma imagem de guerra e invasão condiz com os seus argumentos, uma vez que, para Herman, a crise migratória não é apenas um acontecimento feito pelo ser humano, mas sim uma catástrofe conscientemente provocada. Logo no primeiro parágrafo do seu artigo sublinha que o verdadeiro “malfeitor não deve ser encontrado nos milhões de refugiados migrantes”. Estes seriam apenas os instrumentos visíveis porque: “o inimigo trabalha de várias formas subtis, em pontos de união até agora desconhecidos da maioria.” Afinal, o responsável, segundo Herman, seria “um determinado grupo de pessoas de poder do sistema financeiro (...) que, a partir do seu poço de coleta de capital, quer subjugar o mundo”. Por sinal, não explica em parte alguma, de que forma a destruição por ela prognosticada da Europa cristã contribuirá para a realização da agenda de tais “poderosos globais”, se bem que reitere que quem puxa misteriosamente os cordelinhos controla a política e os média. Repetidamente menciona o “Teatro de Marionetas de Bruxelas”, “os atores políticos introduzidos” e “os meios de comunicação social sincronizados” que, em vez de servirem o povo, confundem “os cérebros das pessoas” no intuito de “levarem o povo à sua destruição”.

As ideias de Eva Herman espalharam-se rapidamente na esfera pública alternativa da *internet*, onde encontraram eco, como o demonstram os comentários que se seguem ao artigo. Uma vez que Herman era anteriormente uma figura apreciada da televisão, até às suas afirmações controversas relativas ao feminismo, aos papéis sociais de género e ao

nacional-socialismo, há alguns anos atrás, a comunicação social *mains-tream* também pegou nos temas. Da mesma forma, a página *web* da revista alemã *Stern*, por exemplo, a 31 de agosto de 2020, dedicou um artigo às suas “afirmações polémicas” e concluiu: Herman teria medo “que o nosso país fosse destruído pelos muitos migrantes” e estaria a espalhar “todo o tipo de teorias da conspiração”.²

No contexto atual, esta conclusão é tão expectável quanto elucidativa, pois nos últimos anos as teorias da conspiração passaram a ser o foco central da atenção pública. Após longos anos a circular em nichos, tornaram-se há algum tempo omnipresentes: os EUA foram, eles próprios, os responsáveis pelos atentados do 11 de setembro de 2001; somos secretamente controlados por uma Nova Ordem Mundial que nos mantém obedientes através de pulverizações químicas na atmosfera e de vacinas; a crise na Ucrânia foi orquestrada pela NATO; Barack Obama não nasceu opcionalmente nos EUA ou é — tal como, aliás, Angela Merkel e George W. Bush — parte de uma elite de répteis extraterrestres que se alimenta das nossas energias negativas; é claro que o homem não pisou a Lua e que John F. Kennedy foi morto pela CIA. Revelações sobre alegados *complots* dos EUA, da UE, dos serviços secretos, dos Judeus, dos *Illuminati* e de outros grupos já não circulam apenas em subculturas, como alcançam um público entretanto bastante vasto.

Muitos observadores concluem, portanto, que as teorias da conspiração se tornaram mais do que nunca temas socialmente aceitáveis e que o número daqueles que nelas acreditam cresceu de um salto. O que, por seu turno, vem alarmar aqueles que mantêm uma posição crítica — o que perfaz ainda a maior parte da população do mundo, tal como um número bem superior entre os representantes de comunicação social. Concordantemente, o termo “teoria da conspiração” tornou-se numa parte integral do discurso social quotidiano: encontramos-lo, entretanto, quase todas as semanas nos noticiários da noite ou num jornal. Não existe, contudo, uma explicação para o motivo pelo qual determinada ideia é designada por “conspirativa”, nestes casos. Pelos vistos, todos nós dispomos de um entendimento intuitivo para aquilo que deve ser

uma teoria da conspiração. “Sei quando estou perante algo assim”, terá sido a frase célebre de um juiz norte-americano acerca da pornografia, e é o que acontece à maioria de nós diante de teorias da conspiração. Como tal, é provável que todos os leitores do artigo de Herman — exceto aqueles que concordam com as suas acusações e, assim sendo, rejeitam a designação de “conspirativo” como difamatória — o classifiquem como teoria da conspiração.

Mas, o que é exatamente que torna o texto de Herman uma teoria da conspiração? E será verdade que este tipo de teorias é cada vez mais popular e influente? O que tem a *internet* a ver com isso? Há quanto tempo existem teorias da conspiração? Qual é a relação que se estabelece entre elas e o populismo? Quem acredita em teorias da conspiração e porquê? As teorias conspirativas são perigosas? E o que podemos fazer contra elas?

É decerto mais difícil encontrar respostas para estas perguntas do que propriamente teorias da conspiração. Existe uma discrepância flagrante entre o alvoroço que acompanha atualmente o tema discutido e o saber que estas discussões são, na sua grande maioria, informativas. Com bastante frequência classificam-se de teorias da conspiração ideias que não são conspirativas. Aqueles que se opõem à vacinação podem estar errados, mas nem todos são teóricos da conspiração. Muitas vezes, coloca-se no mesmo saco da conspiração tipos de teorias diferentes, independentemente de se dirigirem contra elites ou contra uma minoria, de serem racistas ou não. É também frequente estabelecer-se uma relação imediata entre teorias da conspiração e (a propensão para) a violência — um tema, ao qual o respetivo artigo da Wikipédia, em língua alemã, dedica uma secção inteira, mas apenas dá dois exemplos muito específicos.³

Nos últimos anos, a confusão tem vindo a aumentar, tendo como pano de fundo o escalar do populismo na Europa e nos EUA. Em especial, a eleição de Donald Trump como presidente dos EUA tornou o debate público sobre teorias da conspiração mais agitado e impreciso, o que faz, por exemplo, com que se desvaneça a fronteira entre teorias da conspiração e notícias falsas. As teorias da conspiração podem ser

notícias falsas, ou seja, informação errônea propositadamente divulgada com o intuito de desacreditar determinadas pessoas e/ou com outro objetivo. Contudo, nem todas as teorias da conspiração são notícias falsas e nem todas as notícias falsas são teorias da conspiração. Muitos teóricos da conspiração estão genuinamente convencidos de terem descoberto um *complot*, ao mesmo tempo que nem toda a informação errônea divulgada propositadamente afirma uma conspiração.

Porém, não é só a utilização pouco precisa do termo ou conceito que constitui um problema. Aqueles que se ocupam com as teorias da conspiração — o que é igualmente válido para cientistas ou para o discurso mediático —, carecem frequentemente de um entendimento adequado de como elas se originam, do que trazem aos que nelas acreditam e das consequências que delas possam advir. Isto deve-se, entre outros, ao facto de, até hoje, apenas existir um único estudo sobre o tema que tenha chegado ao conhecimento público: o célebre artigo de Richard Hofstadter acerca “do estilo paranoico na política norte-americana”, de 1964.⁴ Mesmo nos EUA, onde nos anos noventa surgiram perto de uma dúzia de publicações de estudos interessantes sobre o tema, a comunicação social recorre apenas e repetidamente ao artigo de Hofstadter, mediante o *flirt* diário de Donald Trump com o conspiracionismo.

Hofstadter, um dos historiadores mais reconhecidos do seu tempo, associava, por um lado, a crença em teorias da conspiração a traços de paranoia clínica; por outro lado, alegava que, nos EUA, houvera sempre apenas uma minoria na franja da sociedade que em tudo farejava conspirações. O *The New York Times*, o *Washington Post*, *Salon.com*, o *New Republic* e muitos outros média utilizaram, no decorrer da campanha eleitoral, a terminologia de Hofstadter para caracterizarem Donald Trump e, ainda hoje, em parte, o fazem. Hillary Clinton recorreu a Hofstadter quando, a dada altura, fez referência direta à forma de pensar de Trump, o que não era habitual nela. Numa apresentação de campanha eleitoral, em Reno, Nevada, em agosto de 2016, acusou Trump de preconizar nefastamente o preconceito e a paranoia e apelou aos republicanos moderados que se opusessem à tomada do partido deles pela franja radical.⁵ Mesmo fora dos EUA, o texto de Hofstadter

constitui, sem dúvida, ainda hoje a análise mais influente de teorias da conspiração. A imprensa alemã, como o jornal *Die Zeit* ou o *Die Welt* também se esforçaram nesse sentido, quando coube compreender o fenómeno Trump. E até o politólogo Christian Lammert, um perito conceituado no respeitante aos EUA, remeteu, numa sua análise do comportamento de Donald Trump, em março de 2017, para Hofstadter.⁶

E, contudo, o texto é tido como obsoleto, na investigação científica atual. Hofstadter reconhece e descreve corretamente muitos dos aspetos, porém, a sua patologia paranoica atribuída aos teóricos da conspiração afigura-se muito problemática. Segundo alguns dos estudos empíricos mais recentes, perante o facto de metade dos norte-americanos e de uma pequena, mas significativa parte dos alemães acreditar em, pelo menos, uma teoria da conspiração, o aspeto da paranoia perde todo o sentido.⁷ Outros aspetos da argumentação de Hofstadter revelaram-se igualmente errados. Para compreendermos as teorias da conspiração e como funcionam, auxiliam-nos pouco, portanto, tanto a intuição como aqueles estudos que, até à atualidade, têm vindo a determinar o entendimento público desta temática.

Assim, o título deste livro, *A Natureza das Teorias da Conspiração — Quando nada é o que parece*, adquire um duplo sentido e, se tal fosse tecnicamente possível, as aspas ora deveriam acompanhá-lo, ora deveriam desaparecer. Porque “nada é o que parece” é, como irei demonstrar no primeiro capítulo, um dos princípios de base do pensamento conspiratório. Onde uns veem coincidência ou caos, os teóricos da conspiração descobrem um plano pérfido. Por outro lado, o título refere-se também aos mitos que circulam *acerca* das teorias da conspiração, por vezes, no discurso inflamado mediático ou até mesmo no meio científico.

Este livro quer acabar com esses mitos e pretende contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno, ao apresentar os fundamentos, as funções, os efeitos e a história do pensamento teórico-conspiratório. O ponto de partida de toda a argumentação são aqui, naturalmente, os desenvolvimentos atuais, em especial, a ligação entre as teorias da conspiração e a retórica populista, a propagação através da *internet* e

o efeito que por essa via alcançam. Contudo, o presente é apenas entendível sobre o pano de fundo histórico, pois a história das teorias conspiratórias foi, desde sempre, dependente do desenvolvimento da opinião pública em transformação, onde circulam tais ideias, e das circunstâncias mediáticas que condicionam esta circulação. Se quisermos perceber a influência da *internet* — onde as contraopiniões públicas se formam tão mais facilmente do que fora do espaço virtual e onde teorias da conspiração podem ser atualizadas a qualquer altura — sobre os moldes e as funções de desconfianças conspiratórias, teremos de saber o que aconteceu antes, ou seja, que influência era exercida em regimes mediáticos anteriores.

No entanto, o estatuto das teorias da conspiração no discurso público alterou-se radicalmente ao longo dos tempos e encontra-se atualmente de novo em transformação. Se bem que possa parecer-nos, não estamos a viver a idade áurea das teorias da conspiração. As teorias conspiratórias não são hoje em dia mais populares e de maior influência do que anteriormente. Pelo contrário: fala-se tanto delas na atualidade porque continuam a ser estigmatizadas, permanecendo um saber cujas premissas são vistas com um ceticismo severo. E exatamente isso era diferente, no passado. Até aos anos cinquenta do século xx, as teorias da conspiração eram tidas no mundo ocidental como uma forma de saber legítima, cujos fundamentos alegados não se questionavam. Era correspondentemente normal acreditar-se em teorias conspiratórias. Apenas após a segunda guerra mundial se iniciou, nos EUA e na Europa, um processo complexo de descredibilização deste tipo de conhecimento que acabou por transferir as ideias conspiratórias do discurso público para culturas periféricas.

O atual “renascimento” das teorias da conspiração deve-se, por um lado, ao fortalecimento de movimentos populistas porque concebe paralelos estruturais entre formas de argumentação populistas e conspiratórias; por outro lado, a *internet* tem um papel decisivo, uma vez que torna a dar visibilidade a teorias conspiratórias, que nunca chegaram a desaparecer totalmente, e ainda na medida em que contribui significativamente para uma fragmentação da opinião pública. O que estamos

a vivenciar, neste momento, é uma situação em que as teorias conspiratórias de opinião pública parcial, considerada, contudo, *mainstream*, continuam a ser estigmatizadas, enquanto no seu ambiente de opinião pública parcial já são aceites como um saber legítimo. É a colisão entre estes diferentes pontos de vista públicos e seus conceitos de verdade divergentes que condiciona o atual debate acerca das teorias da conspiração. Porque enquanto uns temem (de novo) conspirações, os outros contribuem (ainda) para os efeitos fatais das teorias conspiratórias. Neste sentido, poderíamos falar de uma terceira fase na história das teorias da conspiração.

Esta argumentação será desenvolvida por mim em seis capítulos, organizados de tal forma, que possam ser lidos por uma qualquer ordem aleatória. No primeiro capítulo, debato as diferentes definições e tipologias das teorias conspiratórias. O foco principal recai aí sobre o facto de o termo não ser meramente descritivo, mas conotativo, pelo menos, no discurso quotidiano. O segundo capítulo trata as provas apresentadas por teorias da conspiração. Como argumentam aqueles que acreditam nelas e como falam dos supostos *complots*? No terceiro capítulo, analiso as diferenças entre as funções de teorias conspiratórias para o indivíduo e para o grupo. Aqui trata-se igualmente da questão acerca de quem terá uma maior tendência para acreditar nesse tipo de teorias. A evolução histórica das teorias da conspiração, desde a antiguidade até ao presente, é esboçada no quarto capítulo, que termina com o debate sobre a relação deste tipo de teorias com o populismo. O quinto capítulo ocupa-se da influência da *internet* quanto à visibilidade, ao estatuto, mas também à retórica e argumentação das teorias conspiratórias. A conclusão tentará descobrir se e quando as teorias da conspiração podem ser perigosas e irá debruçar-se sobre a questão atual e controversa acerca daquilo que poderemos fazer para nos salvaguardarmos das mesmas.

Sendo eu um investigador americanista alemão, os exemplos apresentados remontam sobretudo à Alemanha e aos EUA, se bem que a análise não se limita a estas duas culturas. Além disso, considero as teorias da conspiração a partir da perspetiva qualitativa do cientista

de culturas e literaturas profissionalmente ativo. Muito daquilo que passarei a expor é transversalmente consensual a todas as disciplinas científicas. Em alguns pontos, porém, os pontos de vista divergem e, por exemplo, uma psicóloga a trabalhar aqui, em termos quantitativos, chegaria certamente a outras conclusões. Acrescem ainda as questões que deixarei colocadas em algumas partes do livro, as quais não estão a ser feitas, de momento, em outras áreas disciplinares, uma vez que o assunto permanece pouco investigado ou nem o é. Neste aspeto, o meu livro marca meramente, se marcar, o final do início do debate científico no respeitante a teorias da conspiração. Quanto aos teóricos deste tipo de ideias conspiratórias, para eles vale o mesmo que para os investigadores das mesmas: existe sempre mais a explorar.